

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS

GRUPO DE HISTÓRIA ORAL

PROJETO INTEGRADO: “MEMÓRIA E HISTÓRIA: VISÕES DE MINAS”

ENTREVISTADORES: PROF. MICHEL LE VEN

APARECIDA MACIEL

ÉRIKA DE FARIA

MIRIAM HERMETO

ENTREVISTADO: JOSÉ DAZINHO GOMES PIMENTA

LOCAL: BELO HORIZONTE

DATA: 13/02/1996

Entrevista - fita 8 - lado A

MV: ...do dia 13 de fevereiro de 96, continuação da entrevista com o Dazinho, sendo entrevistadores a Cida, a Érika, a Miriam e o Michel. Eu não... não estava na... na última entrevista, então, eu pediria para a Cida lembrar...

AM: É... nós paramos, Dazinho, você estava falando do seu momento na prisão, não é? E... você contou um caso para a gente, da última vez, que já tinha acabado a fita. Você podia contar ele para a gente novamente, o caso do... do carcereiro, que você ajudou lá na prisão? Você parou nesse momento.

JD: Mas é... É, entre os muito carcereiro que lá tinha, tinha um que era casado, tinha um filho e o menino dele adoeceu. Então eles telefonaram lá chamando ele, que o menino estava passando mal. E ele então foi lá na porta da cela onde nós estávamos... Ele conversava muito com a gente, não é?, e tudo. Foi lá e estava assim bem transtornado. Aí a gente perguntou ele o que que tinha havido, ele falou que era o menino dele que estava doente, e que ele estava sem dinheiro e não tinha... estava sem jeito de tratar, porque na Previdência o atendimento não era muito bom. Aí, nós falamos com ele, se ele quisesse,

podia levar no médico particular, então ele... ele falou que não tinha dinheiro, nós falamos com ele que não precisava, que era só ele levar o menino, e demos um bilhete para ele. Ele levou o menino e depois nos contou que quando chegou lá tinha alguém sendo atendido. Ele entregou o bilhete a secretaria, atendente, ela levou lá dentro, ele acabou de atender o que estava atendendo, veio cá fora, pediu licença os outros que estavam esperando e chamou ele com o menino. Consultou o menino, deu remédio, pôs no carro e levou até em casa. Então, no outro dia ele chegou lá muito satisfeito, que o menino já tinha melhorado, não é?, e... e usou essa expressão: - *“Ah, comunista é a mãe desses cara. Nunca ninguém fez nada disso para mim e tal. Vocês que são acusado aí de ser comunista, os únicos que já me deram algum apoio.”*

AM: É interessante esse... essa influência, que mesmo vocês estando presos, não é?, a rede de solidariedade que tinha entre vocês que estavam do lado de lá com pessoas também que estavam // **JD:** Do lado de cá.// do lado de cá.

JD: ...de fora. Ah, houve muitos outros casos lá, não é?, de solidariedade mesmo assim profunda, não é? O... pessoal que vinha do interior, não é?, e tudo, que sofria até mais do que a gente, porque as vezes era pego lá no escuro, família não ficou sabendo para onde é que veio, não é?

AM: E, e... mas fal... é... Se você pudesse falar mais para a gente, Dazinho, desse... desse... destes dois anos e meio mesmo, como é que foi, como é que... como é que era lá dentro...

JD: É, no período inicial da... das nossas prisões, foi assim muito sofrido, porque além da... do terror que eles implantavam na gente lá, é... tinha também as sessões de tortura, não é?, e tudo, de espancamento. E... houve... a... casos assim que a gente até assistiu, como por exemplo no... no dia que estava lá um companheiro, Antônio Orlandir de Araújo, não é? E então entrou um policial lá para espancá-lo e ele era muito grande, muito forte, mas estava inibido lá, preso, não é? E o sujeito que foi para espancá-lo era um sujeito forte. E num determinado momento o sujeito deu nele um murro, ele instintivamente tirou o rosto assim... o sujeito meteu a mão na parede, quebrou o braço em dois lugares.

MV: Hum!

MH: Nossa!

EF: Nossa!

AM: Olha a força que ele estava colocando num... num...

JD: É, quebrou o braço em dois lugares e... foi até muito comentado isso e tudo. Então era assim um... no... mais no início foi assim um clima de muito terror. Depois foi passando o tempo... tudo tem um fim! E vai... foi esfriando um pouco os ânimos. Havia naturalmente uma tensão muito grande ainda, algumas coisas que aconteciam, é... isoladamente, mas, na prisão, foi ficando um pouco mais é... fácil viver lá, principalmente porque depois de algum tempo você também acostuma com a prisão, não é? E, no início, nós ficamos numa cela... quer dizer, tinha muitas celas, e na cela que eu estava devia ter uns... uns dezesseis metro quadrado, ou vinte, e... esse... teve ocasião de ter lá sessenta, setenta presos.

MV: Nossa!

JD: Então, um... um “muncado” ficava sentado e um “muncado” em pé. Dep/

AM: //Mas// nesse momento já era dividido, preso político não ficava com preso comum não, não é?

JD: Não, era preso político só. //AM: Hum, hum.// Então/

MV: Isso era... era no... no DOPS ou...?

JD: No DOPS.

MV: Lá na Afonso Pena, não é?

JD: Na Afonso Pena. E então, de... de noite e de dia sentava uns e ficava os outros em pé. Depois trocava, não é? Aqueles que estavam em pé sentavam, os outros levantavam. Então é... caber todo mundo, porque não... não cabia não./

MV: //Isso// foi nos meses da... de abril sessenta e... abril de sessenta. //JD: É, os primeiros meses.// Han, han.

JD: E tinha uma janela com grade de um lado, a porta com grade do outro, e ainda era tempo do frio, e eles jogavam água lá dentro, //MV: Hum?// de jeito que a gente ainda tinha que conviver lá com... além do frio que entrava, porque era só grade, ainda molhada, não é?

MV: Ô Dazinho, não sei se já foi perguntado, você foi preso sendo deputado, não é? É... não foi considerado nada, pelo fato de você ser deputado, uma certa //JD: Não.// imunidade parlamentar, direitos...?

JD: Não.

MV: Você estava numa posição de... de autoridade, não é?

JD: Não, eles já tinha caçado nosso mandato.

MV: Ah, já tinha tido alguma...?

JD: É, os deputados aqui, porque o nosso mandato/

MV: Quem... quem que caçaram na mesma época? O Bambirra era/

JD: Foi o Bambirra e o Riani. E o nosso mandato não foi cassado... quando foi caçado não tinha ato institucional nenhum ainda não // **MV:** []// foi iniciativa dos próprios deputados ali.

MV: Deputados, então, da // **JD:** Estaduais...// direita!?

JD: É, é.

MV: Como eles, os colegas seus, é...

JD: ...é que propuseram a cassação dos nossos mandatos. E fizeram um processo dirigido, não é? Até... nos ouviram, mas/

MV: Como? Chamaram vocês para...

JD: Não, lá na prisão

MV: Colegas deputados?

JD: É.

MV: Hum

JD: Foi lá na prisão e fizeram um inquérito lá/

MV: Que tipo de perguntas que podiam fazer para você?

JD: Ah, eu não lembro não, não é? Mas // **MV:** A acusação deveria...// foi negócio forjado para poder cassar.

MV: Sim.

JD: E...

MV: Mas, mas a... o grosso era ser comunista?

JD: Aliás, eles não foram não, eles mandaram um questionário e... para nós respondermos. Então, eu lembro que o Bambirra é... fez uma argumentação de quatro folhas de papel.

MV: Hum, hum.

JD: E eu não fiz. Eu só fiz o seguinte: que o meu mandato não foi dado por eles, portanto eles não tinha direito nenhum de me cassar.

MV: Exatamente!

JD: E dei como terminado. Não ia aceitar a prorrogação de defesa de uma coisa que não... E eles não fizeram defesa com intuito de...

MV: Hum, hum.

JD: ...de aceitar a defesa não, fizeram para fazer o inquérito lá não.

AM: Como você disse, forjado, não é?

JD: Forjado, é. Eh... Tanto é que até hoje, segundo os próprios deputados da época de hoje diz o seguinte, que é, é... o... o processo tem sigilo tal, que ninguém nunca mais o viu.

MV: Então, isso teria de perguntar a... deve ter alguma, alguma documentação na Assembléia Legislativa.

JD: É, mas não... não conseguiram, // **MV:** Ah?// até hoje, desencalhar isso lá dentro.

AM: Não se sabe o queacon... o que eles fizeram, qual que foi o argumento deles, para cassar // **JD:** Sabemos não/// vocês?

JD: É.

MV: É, porque seria... seria uma vergonha de manter... É uma vergonha, uma assembléia de deputados cassar os seus próprios...

JD: Antes de nenhum ato institucional, nem nada, não é?

MV: É que...

JD: Então, na... na... quando eu fui preso, e o Bambirra, quando nós fomos presos, não estava ainda cassado não. // **MV:** Hum, hum.// Mas aí nessa ocasião nós estávamos também em uma cela especial, que não era nem cela. Era um salão de... de festas lá do DI.

MH: Aquele grandão!?

JD: E lá estavam... tinha muita gente; tanto o pessoal que tinha diploma universitário, não é?, e...

MH: Era os presos especiais!?

JD: É, e nós dois, eu e o Bambirra.

AM: O Riani não ficou com vocês lá não?

JD: Não, porque ele...

AM: Foi...

JD: ...morava em Juiz de Fora // **AM:** Juiz de Fora.// e tinha o trabalho dele no Rio. Então foi preso lá no Rio // **AM:** No Rio.// e transportado para Juiz de Fora. Então, nós estivemos presos junto em Juiz de Fora, mas... já na frente.

AM: Hum, hum.

MV: Eh... quem... quem que foram seus advogados na época?

JD: Jair Leonardo Lopes, foi o meu. Do Bambirra, o Obregon Gonçalves.

MV: Ah, o Obregon Gonçalves.

AM: //[]//

MV: //Eles []//

HM: //O Jair, [é que?] é// professor na faculdade de direito, não é?

--?: É.

MV: Oh, você vê! E, por própria vontade, ou algum movimento.. eh...?

AM?: Ou era a Justiça que designou // **JD:** Não.// eles?

JD: Não. Parece que o... o Bambirra, o Obregon acho que é casado com uma parenta do Bambirra.

MV: Ah!

JD: E o Jair foi contratado por uns amigos meus.

AM: Ah, sim!

MV: Amigos de Nova Lima ou //**JD:** Não de Belo Horizonte// mais de Belo Horizonte?
Quem... você lembra da?

JD: O Cássio...

MV: Cássio Gonçalves?

JD: Cássio Gonçalves...

MV: Mas era bem novo nessa época, o Cássio?

JD: É, e ele esteve preso também, não é?

MV: Hum?

JD: Como... Mas ele saiu, não é? Ele foi solto. Ele, o Amorim... Então, eles que providenciaram o Jair.

AM: Mas não... não... Como que se diz? Não... Nesse período, devido essas... todas essas... o que estava acontecendo, advogado não adiantava muito não, ô Dazinho!?

JD: //Não, o advogado// era só para é... cumprir a burocracia.

MV: //Han, han. Tem que cumprir.//

JD: É, que eles tinham que cumprir, não é?

MV: Han, han.

JD: ...e ter... o processo não podia ser muito assim descarado não, [risos] ele... foi descarado mas eles mantinham uma certa ética, não é? Pelo menos permitia//

AM: /Para inglês ver!//

JD: É, permitia que tivesse advogado, mas já sabendo que o advogado não ia resolver nada, não é?

AM: Que as pessoas iam ser soltas quando eles achassem melhor, não é?

JD: Isso.

MV: E como que é... as personagens da revolução, quer dizer, da dita revolução, quem que você sentia que mandava aqui em Belo Horizonte?

JD: Era o Magalhães Pinto/

MV: Magalhães, como... como...?

JD: É, governador // **MV:** governador?// do Estado e eh... o... os militares do Exército.

MV: Ali.

MH: Os do Exército, // **JD:** É, é.// não os da polícia!?

JD: É, os do Exército mantinha todo o comando é... inclusive sobre a polícia, não é?, // **MH:** A polícia fazia o que eles queriam?// civil e militar. Fazia o que eles queriam.

MV: E o pessoal, um pouco de esquerda, igual o Edgar de Mata Machado, que era secretario de... // **JD:** É.// de trabalho? Como... como que eles eh...?

JD: É, no dia em que a... estourou o golpe, o Edgar foi lá e conversou com o Magalhães, o Magalhães justificou e tal tal, então o Edgar é... pediu exoneração do cargo na hora.

MV: Hum!

JD: Ele largou o cargo. Agora, quem tinha cargo mesmo, assim de esquerda... nem era de esquerda, mas era o cara mais avançado, que era ele, tomou a posição devida, não é?

MV: Hum, hum.

JD: Os outros eram mesmo... companheiro deles, não é?

MV: Hum, hum.

MH: Dazinho, e vocês quando ficaram no DOPS, as pessoas que tomavam conta de vocês lá eram da polícia/

JD: Civil.

MH: ...da polícia civil.

MV: É, o DOPS é civil.

MH: Pois é. E vocês tinham algum contato... tiveram algum contato, nesse período aí, com o pessoal da polícia militar?

JD: Tivemos, mas muito pouco. Quando nós estivemos lá no DI, era a polícia militar que

// **MV:** []// mantinha... // **MV:** Mantinha...// mantinha a segurança/

MH: E o tratamento era diferente?

JD: Bom, lá, nesse ocasião que nós estivemos lá, como eu disse, estava lá o pessoal todo de nível universitário, não é?, e tudo. Então, o tratamento, não é dizer que era o tratamento

diferenciado, porque também nós não fazíamos... não tinha nada para ser feito para... é... que justificasse qualquer ato de violência, porque nós... eles ficavam de metralhadora lá na... na porta, dia e noite. E nós ficamos lá no tablado, então não tinha como eles tomarem algumas medidas assim mais radicais.

MH: Mas, por exemplo, lá vocês não... não... tiveram notícia das... tais sessões de tortura que tiveram no DOPS?

JD: Não, lá não... o pessoal // **MH:** Lá não.// de lá não.

AM: Ô Dazinho, não dava uma sensação de pânico, de impotência, de achar que ali tinha acabado tudo, tinha... tudo que vocês lutaram, tudo que você brigou dentro do sindicato, mesmo como deputado? Naquele primeiro momento qual que foi a sua sensação?

JD: É, pânico houve muito, mas não nesse sentido que você está colocando.

AM: Hum?

JD: Houve o pânico de... nós não éramos é... bandidos, // **AM:** Claro!// nós não tínhamos nenhum... cometido nenhum crime e tal, então houve assim um pânico de você ser preso, qual é o motivo, por quê?/

AM: Uma revolta, não é?

JD: É, isso... foi o pânico. Agora, nós não acreditávamos é... principalmente no primeiro momento, que ia ser tanto tempo assim, que ia demorar tanto tempo, e que ia se perder até algumas conquistas que [] a gente já tinha adquirido, não é? Isso nós não acreditávamos, no início não, e tudo. Depois é que a gente foi tomando conhecimento das medidas...

AM: As coisas vieram dosadas...

JD: ...autoritárias, não é?, que foram tomando, que a gente percebeu, não é?, que podia até chegar mais longe do que foi, porque quando nós vimos que acabou a... o direito dos trabalhadores da... estabilidade no emprego, nós ficamos pensando que podia perder outras conquistas, não é?

MV: Na acusação pesava mais o fato de... do seu trabalho como deputado estadual ou como presidente do sindicato?

JD: Os dois. É... como deputado pesava uma acusação de que eu estava preparando o envenenamento da caixa d'água de Belo Horizonte.

MH/EF/AM: [risos]

MV: Você também entrou nisso? [risos]

MH/EF/AM: [risos]

JD: É.

AM: Esta eu não sabia não.

MV: É, isso foi o grande motivo, não é?

JD: É.

MH: Ele também estava nessa, não é? [riso]

JD: É. E... mas o que levou a condenação é de que eu era comunista. Quer dizer, um crime de pensamento, de um pensamento que eu até nunca tive.

MH/EF/AM: [risos]

MV: E os comunistas mesmo? Os seus colegas lá não foram presos!?

JD: A maioria dos presos foram os cristãos. Os que estavam mais na... na frente das lutas, não é?, //AM: Hum, hum.// e tudo. Então, fomos preso com a pecha de comunistas, //MV:Porque é...// não é?

MV: Os comunistas de Nova Lima eram conhecidos.

JD: Eles foram presos. E foram presos alguém... alguns, mas os da raia miúda. Os maiores até que não foram...

MV: Colegas seus, então, da mina, nem do //JD: Foi.// sindicato, foram presos também? Mas aqui em Belo Horizonte ou em Nova Lima?

JD: Preso em Nova Lima.

MV: Hum?

JD: E depois transportava alguns desse aqui para Belo Horizonte.

MV: Mas se lembra deles? É... que, que cargos eles tinham?

JD: No Partido?

MV: Não. É. No Partido ou no Sindicato, não é?

JD: Não, no Sindicato não tinha cargo nenhum.

MV: Ah, bom!

JD: Ou melhor, tinha cargo no Sindicato, mas os que tinha cargo no Sindicato não eram é... nós sabíamos que eles eram comunistas, mas eles não... não tinham assim muita participação na direção do Partido não.

AM: O simples fato de ser associado ao Sindicato e ter, como você diz, a pecha de comunista, levou à prisão?

JD: Ah, levou! Eles prenderam lá centenas de pessoas que... só por fato de ser associado do Sindicato e de ter alguma participação mais ativa na luta, não é?

AM: Hum, hum.

MV: Dazinho/

MH: Todos os... os cristãos eram considerados... eram acusados de serem comunistas?

JD: Os que foram presos, que tinha qualquer envolvimento em meios sociais, sindicais ou político, foram.

MH: Todos!?

AM: É até meio incoerente, não é? Você vê que é uma falta mesmo de informação. Cristão comuni... [Não?], uma coisa que... entra em choque, não é?

JD: Bom, entra em choque se você fosse analisar a... a revolução, o... o golpe militar como uma coisa de lógica.

AM: É.

JD: Mas eles não tinha lógica nenhuma.

AM: Nenhuma, não é?

JD: É, então...

AM: E que notícia que você teve assim nesses primeiros dias que você estava preso, que notícia que você recebia de Nova Lima? Ou nenhum... recebia nada?

JD: Nada.

AM: Que que estava acontecendo lá... nada.

MV: Nem da família!?

JD: Nem da família.

MV: Mulher, filhos... **//JD:** É... é... não...**//** pais, parentes?

JD: Eu fiquei incomunicável durante, acho que, três meses.

MV: Gente, mas isso é bem contra a lei, não é? **//MH:** Nossa!**//** Incomunicável, três meses!
Que depois foi legislado que era só dez dias.

MH: [riso]

MV: Três meses incomunicável, gente! Mas eles achavam então que era a grande revolução não é.

MH: E como é que era isso, **//Dazinho?//**

AM: Como disse Médici, ele achava que podia tudo.

MH: **//Essa distância []//**

JD: A minha família não sabia onde que eu andava, o que que tinha acontecido não. **//MV:**
[] / Han, han. Completamente/

MH: Não sabia que você tinha sido preso?

JD: Eles tinham...

AM: **//Imaginavam, não é?//**

MH: **//Eles tinham notícia?//**

JD: ...eles tinham... imaginavam, não é?, e tudo. Mas certeza absoluta eles não tinham/

MV: O seu filho mais velho tinha que idade na época?

JD: 64, estava fazendo 10 anos.

MV: Hum, hum.

AM: Uma criança!

MV: E como que eles fizeram para viver, é... seu salário continuou a ser depositado?

JD: Não. Depois de algum tempo, depois de alguns meses que estava preso/

MV: Mas meses? Isso significou que durante um certo tempo // **JD:** É, eu não sei...// eles, eles...

JD: ...não sei quanto não.

MV: Hum, hum.

JD: Mas depois de um certos... de mês que eu estava preso, o movimento familiar cristão daqui de Belo Horizonte começou a dar assistência a minha família. E/

MV: Mas a mina não... não pagava/

JD: Não, não.

AM: Até então a sua família não sobreviveu do seu salário?

JD: Não, não tinha salário, não é?

AM://Não tinha nada que// viesse de você!?

JD: Não. Então, o movimento familiar cristão assumiu, e assumiu bem. Tanto é que, depois eu soube, que a minha família até ajudou algumas outras famílias de outras pessoas que tinham sido presa também, que estava em dificuldade.

MV: Hum, hum.

JD: É... E posteriormente também, tinha o... mas isso já bem mais na frente também, porque tinha que requerer, ainda demorava a... a aprovar, não é?, é o... salário... O sujeito que vai preso, e condenado, ele... É, isso depois que eu fui condenado, é que eles passaram a pagar, não é?, é o salário. Ah, ele, tinha um título, mas eu esqueci.

MV: Hum, hum.

AM: Você foi condenado quanto tempo depois que você... que você estava preso?

JD: Ah... acho que um...

AM: Um...

MV: Mas teve uma... uma sessão solene de... de julgamento, não?

JD: Teve.

MV: Onde que foi?

JD: Lá em Juiz de Fora.

MV: Ah, vocês foram a Juiz de Fora.

MH: Você ficou quanto tempo em Juiz de Fora?

AM: Então foi // **JD:** É...// julgamento militar!?

JD: Militar, é.

AM: Que foi em Juiz de Fora!

MV: //Foi IPM.//

AM: //É.//

MV: Foi IPM, não é?

JD: É IPM.

MV: Han, han.

JD: Todos os processos eram IPM.

MH: É.

MV: É, você chegou a conhecer o Faria, nesse momento?

JD: Eu já conhecia ele há mais tempo.

MV: Sim, mas como preso... como presos também?

JD: É, nós estivemos presos juntos.

MV: Hum?

JD: Tanto no DOPS como lá no DI, como lá em Neves.

MV: Hum! Mas no dia do julgamento eh...

JD: Não.

MV: ...foi só você?

JD: ...julgamento foi eu, era... eu, Bambirra e o Riani // **MV:** Então, mais como// que estava em um processo só.

MV: ...lideranças políticas?

JD: É. Nós estávamos em um processo só, eu, o Bambirra e o Riani. O Bambirra tinha refugiado na embaixada de Cuba, // **MV:** Han, han. Hum, hum.// o... o Riani estava... estava lá, e eu.

MV: O Bambirra tinha conseguido fugir, então?

JD: Tinha.

MV: Ah!

JD: Ele, o Padre Laje, não é?

MV: Hum? Você nunca pensou em tentar fugir?

JD: Não. Eu até recebi uma... uma proposta do Governo do Chile, na ocasião era o Eduardo Frei, não é?

MV: Ah, han, han.

JD: Ele tinha concedido asilo político para o Paulo de Tarso, Plínio de Arruda Sampaio, não é?, e tudo. E por intermédio deles, é... o... o Governo do Chile me aceitava também. E o... acho que uns cristãos lá da França também. Mas eu não.

MV: Como que eles chegaram a... a... a... a comunicar com você?

JD: Ah, alguém me procurou, é... me oferecendo, que... tanto o pessoal lá do Chile como lá da França conseguiria o asilo político. Mas eu achava que... se fosse crime, o que eu pratiquei foi aqui/

MV: Então o seu sentimento de justiça era tão grande que você confiava/

JD: Não.

MV: /[]// Não?

JD: Não confiava não, mas achava que o que eu tinha feito era aqui, as coisas que estavam acontecendo eram aqui... Além de tudo, eu, nessa ocasião, tinha nove filhos pequeno. Como é que esse pessoal ia... ia sobreviver? Mesmo depois de algum tempo, eu não... não sei se poderia voltar, e não tinha como levá-los. Então, achei que não/

AM: //O trem estava// muito incerto, não é?

JD: É, também isso, não é?, muito incerto. Então resolvi a não... assumir aqui, mas não... não era acreditando na justiça não.

MV: //Na justiça não.//

JD: Aliás, eu acreditava muito mais na injustiça.

MV: Mas, na prisão, você sentiu isso, que... que a justiça [é uma?]/

JD: //Senti.//

MV: Senti, não é?

JD: Senti que não ia acontecer nada favorável a nós. Fui lá no julgamento/

MV: No dia formal do julgamento - que é uma sessão solene, não é?, que que eles falaram? De que que te acusaram lá?

JD: Ser comunista.

MV: Só?

JD: E... e... aí também/

MV: //Mas// não tem argumento

AM: Tem a caixa d'água.

JD: ...envenenar a caixa d'água.

MV: Continuou a caixa d'água?

MH: A caixa d'água até aí?

JD: É./

AM: E você foi condenado?

MV: //Mas... mas...// é... isso para mim é de um ridículo, porque é... uma coisa a... acusar assim na hora da... da... //AM: Da prisão.// o policial que te joga tudo na... na cara. Isso é... acontece, até coisas piores do que isso. Mas um dia no julgamento... era a justiça militar. Todos eram militares? Tenentes, majores, //JD: Tenentes... É.// para cima, não é?

JD: ...menos o promotor.

MV: ...menos o promotor. Mas eles conseguiam falarem tom sério assim que... que era isso o motivo da acusação?

JD: Há ! O promotor falou o tempo todo.

MH: [riso]

AM: Com a maior seriedade do mundo, não é?

JD: ...maior seriedade do mundo.

MH: Que provas eles tinham que vocês estavam tentando envenenar a caixa d'água?

JD: Não tinha prova nenhuma.

MH: //Nem importaram? Nem// se preocuparam em forjar?

JD: Nem isso, porque eles não precisava forjar.

MH: //Nada, não é?//

JD: Nós estávamos presos, //**MV:** Vocês... vocês já... é// não é? Os que estavam aqui fora...

//**MH:** Nem testemunha ninguém resolveu []// os que estavam aqui fora estava tão preso igual a gente. Ou talvez até mais. Foi o tempo que eu tive maior liberdade foi quando eu estava preso. //**AM:** É você...// É/

AM: ...disse isso na outra entrevista.

JD: Tinha medo mais de //**AM:** Sentiu...// nada, não é? Depois da/

MV: Mas que liberdade você diz? Que liberdade? Você falou isso, que você... é, é... tinha mais liberdade no tempo de preso...

JD: //É, é...// Mais... Eu era mais livre no tempo de preso do que... o... os que estavam soltos.

MV: Porque os que estavam soltos eram vigiados...

JD: ...e estavam constantemente sobre a linha do medo

AM: em ameaça//

JD: Nós lá já não tinha mais que ter medo, não é?

AM: É. Ô Dazinho, você foi condenado a quanto tempo?

JD: 18 anos.

MH: 18 anos?

MV: Han, han.

MV: Quem tinha, porque você ia envenenar a caixa d'água

MV: É... Quem proclamou a sentença?

JD: O... o juiz, o juiz presidente do tribunal.

MV: Tinha público no julgamento?

JD: Tinha um pouco, mas era público deles mesmo.

AM: Ah...

MV: Como que era... Então era para treinar mesmo, //**JD:** É.// porque nos interrogatórios, eles levavam também alunos do Colégio Militar, por exemplo, para treinar, //**JD:** É.// não é? Mas julgamento não sabia, não é?

AM: //18 anos, hein Dazinho!?!//

JD: Ah, eles mantinham platéia.

MV: Han?

JD: Tinha uma platéia.

MH: E como é que você saiu com dois anos e meio? Como é que foi isso?

JD: É o... depois que nós... a gente foi condenado, veio prazo para recurso, então o Jair Leonardo recorreu ao Supremo Tribunal Militar, Superior Tribunal Militar, e eles baixaram de 18 anos para dois anos e seis meses.

AM?: Gente...

JD: Eu já estava com dois ano e oito/

AM: Ah, quer dizer que você cumpriu... Achei que você tinha é... saído por bom comportamento...

MV: Não, não...

AM: Coisas assim, sabe? //**JD:** Não.// Quer dizer que você cumpriu...

MV: Tinha cumprido a...

FIM DO LADO A DA FITA 8

Entrevista - fita 8 - lado B

JD: para poder

MV: É [] É, então isso foi em torno de... foi em 66, não é?

AM: //Ele saiu //

MV: //Sessenta// ou 65?

JD: Deve ser 65.

MV: Um ano, mais ou menos depois da... da... da prisão. Como que você sentia a sociedade em 65? Era tempo do Castelo Branco, não é? E você tinha notícias da... do que estava acontecendo?

JD: Ah, [] ocasião já tinha, não é? Porque é... foi um período em que depois de você estar condenado, você já tem toda... toda uma estrutura de prisão já **//MV:** Hum, hum.// organizada, não é?, e tudo. Então nós é... já lia jornal, escutava rádio...

AM: Recebia visita da família já, não é?

JD: Recebia!

AM: Como é que... Como é que entraram em contato com a sua família, Dazinho? Como é que sua família ficou sabendo que você estava preso e aonde?

JD: Não, isso aí eu não sei não. Nem perguntei é tanta coisa e isso não era assim relevante, **//MV:** Hum, hum.// não é? Mas eu sei que eles é.../

AM: Apareceram lá!?

JD: ...viviam procurando, não é?, acabaram **//AM:** Te achando?// achando, não é?

EF: E o senhor tinha da... de como que estava se dando a mobilização? A continuidade do movimento... que ainda estava, não é?

JD: É, eu sabia porque é... enquanto estava no período de efervescência do golpe assim e tal tal, eles mesmo ligava a rádio mais alto para a gente escutar porque as emissoras estava toda dando apoio total ao golpe/

AM: Mesmo as que não davam apoio, Dazinho, elas eram obrigadas a dar, não é?

JD: //Pois é, mas elas estavam dando apoio; obrigado ou não, mas estavam. //AM: Estavam, não é? então

MH: //Era educativo// vocês ouvirem!?

JD: Era, é claro! Era de interesse nosso ouvirmos as mentiras, não é?, porque eles estavam...

MV: Dazinho...

EF: Pode falar.

MV: Dazinho, é... Você nunca pensou em é... exigir uma indenização, é... ou uma reparação, é... por uma injustiça, afinal das contas, que foi feito na... na sua vida, não é? E... houve reintegração formal na mina do Morro Velho, é... os seus direitos foram... trabalhistas e tudo foram reconhecidos ou isso passou e... e você ficou só o Dazinho ex-diretor do Sindicato, ex-deputado estadual?

JD: Só.

MV: Só!?

JD: É, e então é... passei um período assim muito difícil mesmo, não é?, porque quando eu sai da prisão, o movimento familiar cristão... porque motivo não sei, talvez seja até o... por motivo assim de não querer me humilhar, quando eu sai da prisão afastaram a ajuda. Então, aí, realmente nós/

AM: Isso era no final de 66, não é?

JD: É, aí então nós realmente passamos muita dificuldade. Eh... muita falta mesmo das coisas lá em casa, não é? Mas/

AM: Continuaram morando em Nova Lima?

JD: Continuamos, e... Eu tinha uma Kombi, que quando eu era deputado tinha comprado e que os... o... os avalistas, durante a minha prisão pagaram.

MV: Ah, sim.

JD: ...era comprada por prestação //MV: ...prestação, não é?// e então os avalistas pagaram e deixaram ela com a família. Quando eu voltei, eu comecei no serviço de lotação com ela lá dentro da cidade.

MV: Hum?

JD: Que não rendia muita coisa não, mas que nós fomos vivendo.

AM: Você, então, não voltou para a mina?

JD: Voltei não. Aí, quando... quando eu... as coisas estavam começando a engrenar, tinha um rapaz lá que tinha uma inimizade gratuita comigo e foi lá e falou com o delegado que eu estava transportando gente na Kombi e que a minha carteira não era carteira profissional, portanto eu não podia transportar veículo de passageiro. Aí o delegado me chamou lá, pediu a carteira e eu mostrei. - *“Ah, você não pode transportar o pessoal aí com essa carteira não!”* Tentei explicar a ele, não é?, porque que eu estava fazendo aquilo, a situação e tudo. Não sei se ele não compreendeu, ou não quis. O certo é que cassou a... o... o meu meio de ganhar pão. Então, tinha um rapaz lá que tinha uma escola de motorista lá, eu conversei com ele - *“Oh, não tenho condições de te pagar, me aconteceu isso, então eu estava precisando de tirar a carteira..”*.. *[O entrevistado se dirige a uma terceira pessoa e pede água. “- Ô João, me dá um golinho d’água!”]* ...estava precisando tirar a carteira, será que você não... não me dava uma mãozinha aí não? Aí foi, me pôs lá e pediu o rapaz para... que estava lá instruindo, o instrutor, para apertar mais a mão comigo. Com quinze dias teve uma...

MV: Uma banca?

[Silêncio, enquanto o entrevistado bebe água. Dazinho agradece a pessoa que lhe trouxe água: - “Obrigado!”]

JD: Com quinze dias teve uma banca lá em... em Itabira, aí o Levindo Pimenta me levou lá, me pôs no carro dele, me levou lá, e eu fiz exame lá e passei.

AM: Nesse período, Dazinho, é... as pessoas que tinham, que foram seus amigos quando deputado, isso e aquilo, que estavam numa situação melhor, não te procuraram, não te ajudaram?

JD: É... não, no início não. Havia muita perseguição, não é?

AM: Estava todo mundo // **JD:** Eles estavam [não é?]/ muito apreensivo!?

JD: ...com medo. Depois, quando eu sai da prisão, que aconteceu isso, que depois a Kombi também passou a não dar, combustível caro, e o pessoal não tinha costume de andar de... também de // **AM:** De carro...// lotação lá, porque não existia, não é?, então era muitas viagens completamente vazias e então eu tenho... tinha um amigo que era engenheiro. E ele

soube que eu estava doente, foi lá em casa e quando me viu, não é?, a... a sola dos pés saiu toda a pele, ficou na carne viva. E os médicos fizeram exame e tudo, nada não deu certo. Então ele chegou lá em casa - foi um sábado - e me viu naquele estado, falou comigo: - *“Uai, por que que você não mandou me avisar antes?”* Falei: *“Ah! Fiquei acanhado, não é?, de procurar vocês”*. Aí ele foi aqui em Belo Horizonte, buscou um médico, levou, o sujeito falou: - *“Ah, tem que fazer um exame de sangue, mas eu vou receitar um remédio para aliviar as dores”*. E quando ele saiu com o médico, ele falou comigo assim: *“Ô! - O dia que você sarar me procura lá em... no escritório, toma o cartão, você vai trabalhar comigo.”* Isso foi num sábado. A... e ele deu o dinheiro para comprar remédio e comida, não é?, porque não tinha também nada lá em casa. Aí, a dona foi não comprou o remédio não, ficou esperando para fazer o exame de sangue e tudo, quando foi na segunda-feira o pé já estava com a pele outra vez. Acho que o problema é de fundo nervoso não é //MV: Nervoso, é claro, não é?// Então, quando foi na outra segunda-feira eu procurei ele aí... o salário mínimo era... na ocasião, acho que era... era onze... onze cruzeiros. Ele me pôs para trabalhar com ele me pagando cinquenta. E... começou a dar assistência lá em casa e tudo. E eu [] com ele e nisso ele morreu.

MV: Como se chama esse amigo?

JD: Oleastro Santos Júnior.

MV: E você...

EF: //Oleastro?//

JD: É. Morreu com 32 anos de infarto.

MH?: Nossa!

JD: E você fazia o quê com ele?

JD: Eu era apontador numa obra que ele tinha. Aquele prédio da [] lá na Afonso Pena.

//MV: Han, han.// E todos os cooperados lá eram gente que tinha sido amigos, não é?, no... no tempo que //MV: Han, han.// a gente estava lá na ativa, não é? Então, eles não criaram problema nenhum. Ele morreu, e o outro rapaz que ficou no lugar dele, eu entreguei ele o cargo, falei: -*“Olha, eu estava aqui, mas foi o Oleastro que me trouxe. É verdade que foi com o aval dos condôminos, mas dizer que o cargo está nas suas mãos”*. - *“Ah, não, está na sua, não tenho nada para te mandar embora não. Até pelo contrário,*

eu vou é melhorar o seu salário aí” E... eu fiquei trabalhando lá, acabou a construção lá, o... os outros amigos mobilizaram e arrumaram um emprego para mim numa granja, também trabalhei lá sete anos, nessa granja. É, lá eu tinha... pude trazer a família para cá, tinha casa, eles ajudava na comida, não é?

AM: Essa granja ficava aonde?

JD: Aqui em Venda Nova.

AM: Em Venda Nova...

JD: E eu olhava as outras granjas que eles tinham. Aí eu aprendi um “muncado” sobre a avicultura, fiquei tomando conta das granjas deles, até que eles venderam a... a parte deles e eu comecei a ter problemas com os novos donos por causa de injustiça com os trabalhadores das granjas, não é? Então, comecei ter problema/

AM: Quase que você faz um novo sindicato, // **JD:** É...// Sindicato dos Trabalhadores de Granja.

JD: Aí sai de lá. Quando eu sai, o irmão desse rapaz que tinha me dado o emprego antes, já tinha formado, tinha uma firma, me convidou para trabalhar lá com ele e eu fiquei até o acidente.

AM: O...

MV: Como é que ele chama?

JD: Wallace.

MV: Han, han. Wallace. É. Mas você não respondeu a minha pergunta. É... o Faria, por exemplo, ele é... veio a anistia, ele foi reintegrado no... no Banco do Brasil e recuperou todos os direitos trabalhistas. E... enquanto estava preso também os... os próprios trabalhadores da... do banco que garantiam o salário, não é? É... mas é... é mais a partir de reparação, ou de recuperação dos seus direitos. Os direitos trabalhistas você não recuperou?

JD: Não. A legislação diz que quando o... o sujeito é condenado a mais de dois anos e meio a empresa pode dispensá-lo // **MV:** E a mina do Morro Velho...// por justa causa.

MV: A mina do Morro Velho te dispensou pura e simplesmente?

JD: É.

MV: E os anos trabalhados?

JD: Pois é, podia dispensar por justa causa.

AM: //Justa causa.//

MV: Mas perdendo a... qualquer **JD:** É.// direito de...?

JD: É. E eu tinha trinta ano de serviço.

MV: //Isso é que...//

AM: É porque quando vocês... é... dispensando por justa causa normalmente **JD:** Não tem indenização.// não tem...

MV: Sim, mas... é... **AM:** É geralmente...// ele pode recorrer. É... você nunca pensou recorrer a... em... em...?

JD: Não, porque a lei é muito clara. Então []/

AM: E ela continua assim? A lei?

JD: Continua.

MV: Mas o Faria não tinha sido condenado também a dezoito anos?

JD: No caso do compadre Faria é um pouco diferente. Ele trabalhava no banco que é o...

MV: ...o Banco do Brasil.

JD: ...o Banco do Brasil, que é estatal. E eles tiveram... eles tiveram anistia...

MV: Dentro do... a...

JD: Dent... um... anistia...

MV: Interna, não é?

JD: Não, interna não. Anistia aos servidores públicos que ti... e... e militares. Para eles teve, para nós não, não é?

MV: Então trabalhador de mina nem nisso **AM:** Dazinho!// era/

AM: Pelo que você estava contando aí, sua trajetória, depois você falou rapidamente, assim que você saiu, no final de 66, você desligou então?

JD: Não. Quer dizer, desliguei, porque eu tinha os direito político cassado por dez anos, então, toda semana um policial sempre me abordava e as vezes até me levava preso para saber o que eu estava fazendo, se estava metido em alguma coisa e/

AM: Toda semana?

JD: É. Quando passava muito, era quinze dias. E então eu passei a trabalhar mais um pouco assim escondido nos movimentos é... de associação de bairro. Mas antes disso, logo quando eu sai da prisão, participei da Pastoral da Periferia, não é?

MV: Hum, hum.

JD: E então eles fizeram um outro processo e me prenderam outra vez. Aí eu fui... estive dois meses preso lá no Colégio Militar...

MV: É.

AM: Por causa da Pastoral da Periferia?

JD: É.

MV: Eu lembro do Dazinho entrando na prisão.

JD: É, eu também.

MV: É.

AM: Vocês já se conheciam nesse período?

MV: Hum, hum.

MH: E o que que eles alegaram?

JD: ...ele também participava, não é?

[risos]

MH: E o que que eles alegaram dessa vez?

JD: Alegaram que... estava participando de atos subversivos, não é? // **MH:** Antes foi// Mas...

MH: ...quando?

JD: Ah...

MV: 68, // **JD:** 68.// não é?

JD: Mas aí/

AM: //É porque 68 teve um novo...//

MV: //De novo 68//

JD: //É.//

AM: ...teve uma nova é/

JD: Mas como eu tinha/

AM: ...prensa, não é?, do... do... do governo.

MV: E depois veio o Ato Institucional...

AM: Isto!

MV: //Mas o Dazinho...//

JD: //E quando eu tinha saído//

MV: O Dazinho era cliente de todo véspera de 1º de maio [risos] é... é... podia saber que ia ser ele preso, não é?

JD: É; como eu tinha saído a pouco tempo da prisão e tinha processo, tinha tido condenado, então, depois de dois meses lá eles acabaram me soltando. Fez um inquérito lá mas acho que arquivaram, não tinha nada para por nele, a... os meus pecados já tinham sido confessados e outra não é?

MV: Mas você ficou preso dois meses?

JD: Fiquei dois meses.

MV: No Colégio Militar?

AM: Aquele na Pampulha?

MV: Han, han.

JD: É.

MV: E eu também, aliás! [risos] Conhecemos bem o Colégio Militar!

JD: É, ali naquela torrezinha.

MV: E, então é o mesmo lugar. Exatamente. É, mas depois da... // **AM:** Ali // lá embaixo tinha a... a incomunicabilidade.

JD: É.

AM: Quer dizer que o Colégio Militar também servia de...?

MV: Não só também. Era um dos focos.

JD: Pois é era um dos articuladores.

MV: //Eu... eu... estava lá a noite// do... do 12 de dezembro, aí... todo mundo desceu e... Você estava preso na noite da... do Ato Institucional, lá também no Colégio Militar? A gente não se via então, não é? Você se lembra da noite do... do Ato Institucional? E do... da manhã...?

JD: /Não,// comigo não houve nada não. Eu estava sozinho lá, // **MV:** Hum?// em cima eles não... comigo eles não mexeram não.

MV: Conosco mexeram. Pretenderam até nos matar essa noite lá.

JD: An!

MV: É, é. Mas porque é... o... o coronel afirmou assim: - “*Agora não tem mais Deus, não tem mais lei, não tem mais direito...*” Nós somos os donos!

AM: Pois é, o Médici...

MV: //Era// o início da... da redenção da... da... //[]//

AM: //É...// Mas o Garrastazu... é o Médici, ele inclusive ele chegou a usar uma célebre frase, que ele falou assim: - “*Nós podemos tudo*”!

MV: //...tudo,// é. Mas no... o período anterior era... tempo do Costa e Silva parecia que era para brincar. Circulava piadas. Você lembra das piadas sobre Costa e Silva? //É...//

JD: Lembro.

MV: Classe média... Mas... E foi o momento da música popular, ao mesmo tempo. Foi um... um grande momento, 67, 68. Você chegou a... a... a entender um pouco dessa explosão do cinema, do... teatro na... é, a música popular, é movimento estudantil... Movimento estudantil // **JD:** É.// te procurou muito!

JD: É, o movimento estudantil sim, não é?

MV: Você chegou a ter uma participação mais efetiva em 68?

JD: //Não, não.// Eu fui numa... na época em que eu estava ainda continuando a ser muito vigiado...

MV: Han, han.

AM: Mas eles não deixavam nem ele ter participação. É.// uma vez por semana eles levavam ele preso.

MV: Mas isso é... é... é costume, não é?

AM: Não, mas é para controlar mesmo, não é?

JD: //É, justamente.//

MV: É, no nosso caso era o inverso. Nós é que tínhamos que ir toda sexta-feira no Colégio Militar. É, até um ano. //**AM:** Ah, nossa// Era... e é curioso como que esses pequenos fatos da vida... é isso já, então virava rotina cotidiana, ou semanal. Você falava isso com as pessoas, as pessoas não...

EF: Não se abalavam, não é?

MV: Não, isso era... - Mas que que você fez para merecer isso, não é? Você lembra disso? Como que era... era... era quase dois mundos assim... E isso foi a aprofundando, não é? Depois ter sido/

AM: //É realmente dois mundos//

JD: Mas foram dois **MV:** É.// mundos! Veio uma moça lá dos Estados Unidos, ela fazia parte lá do movimento de... juventude cristã lá e tal, ela veio, e ela era filha do diretor da Mannesmann lá nos Estados Unidos. Então ela veio, ficou hospedada lá com o pessoal da Mannesmann [] //**MV:** Hum, hum.// e foi me visitar lá na prisão. E então, num determinado momento ela falou comigo assim, ela falava meio arrastado, mas dava para entender, ela falou: - *“Engraçado, aqui tem... tem duas... tem duas..”*. Que palavra que ela usou? Ah... - *“Tem... É uma espécie de dois tipos: um é subversivo, o outro é dedo-duro.”* [risos] Quem não é subversivo, é dedo duro. Que na ocasião, realmente era assim mesmo.

AM: Ô Dazinho, e a Igreja que você era ligado, porque a gente sabe que a Igreja... apoiou, ou pelo menos, se não apoiou é...

JD: Apoiou!

AM: Apoiou, não é? Vamos falar ali: apoiou e tal tudo que estava acontecendo. E você continuou tendo apoio da Igreja, das facções, das pastorais? Pelo que você me fala, você continuou tendo contato com a Igreja, não é?

JD: Não, porque eles cassaram a... as pastorais, cassaram todas as associações que pudessem dar apoio. A Igreja institucional, **//MV:** []// essa estava do lado deles. Não dava apoio nem para o Padre Laje/

MV: Você fala de Dom João, //Dom Serafim//...?

JD: //Dom João, Dom Serafim//, não é?

MV: Han, han.

JD: Não é?

AM: Hum, hum. É.

MV: Nem ao Padre Laje, não é?

JD: Nem o Padre Laje teve apoio. Que era um... um batalhador, não é?, assim de grande costado. E não era... e, e... e não era um falso padre, como eles queriam **//MV:** É.// dizer. Tinha a vida religiosa...

MV: É. Você tem o livro dele? //”O Padre do Diabo”?//

JD: //Tenho. “O Padre do Diabo”.//

MV: Han, han.

JD: Até emprestei para um rapaz lá de Brasília, veio aqui me visitar um dia desses e disse que não tinha lido, eu emprestei para ele.

MV: É... Mas havia também duas igrejas: essa igreja dos, digamos, dos bispos; e uma igreja subterrânea... Você lembra disso, da...? Você... da...

JD: Lembro.

MV: ...participava da... também da... do... do movimento dos padres, do Carmo da, da... da... de outros [que?]....

JD: Tanto prova que o movimento familiar cristão deu apoio lá em casa, não é?, durante o grande período, não é?

MV: Você lembra dos nomes é... das lideranças do movimento familiar cristão?

JD: Bom, um nome eu lembro, os outros não. É o Hugo Werneck.

MV: Han, han.

JD: Mas tinha mais gente.

MV: Porque... politicamente eles eram mais de direita, não é?

JD: É, mas eles, depois de um certo tempo eles perceberam que tinha sido embrulhado...

MV: Hum, hum.

AM: Dazinho, eu queria te fazer uma pergunta, você responde se você quiser, tá? Você chegou a ser torturado? Apanhar mesmo...?

JD: Cheguei. Como... acho que, dos que foram presos, se houve alguém que não sofreu [é?] um número muito pequenininho. A maioria...

MV: Era... era... era... era que tipo de... você apanhava era com a mão... com...?

JD: Com a mão, com o cacete...

MV: Cacete, também // **JD:** Não.// na prisão?

JD: É.

MV: Quem que tem... tinha o cacete? O policial que te interrogava?

JD: Não. Até aqueles rapazes da faixa... da faixa amarela.

MV: Quem que era essa faixa amarela?

JD: Você não lembra não?

MV: //Não.// Não, eu não estava aqui em 64.

JD: //Ah, [não?!]!//

MV: Cheguei em 65 aqui.

JD: Eram os apoiadores da revolução, do golpe, não é?

MV: Cíveis, então?

JD: Cíveis, é.

AM: Cíveis!?

MV: Nunca ouvi falar isso não, Dazinho! Fala mais //[]//

JD: Eles usavam/

MV: Faixa amarela, eles //usavam?//

JD: ...//usavam// faixa amarela no paletó // **MV:** Nunca ouvi []// ou na camisa, e eles prendiam, espancavam e/

MH: //E eram civis?//

JD: Eram civis.

MH: Que loucura!

AM: passava aqui pela rua e cismava que alguém que // **JD:** É.// já batia, levava...?

MH: E era... Era um movimento isso? Tinha algum nome, esse movimento, algum...?

JD: Não, acho que nome não tinha não, mas era linha auxiliar deles.

MV: Mas eles tinham coragem de andar... mas não na rua?

JD: Na rua!

MV: Na rua, com faixa amarela?

AM: Uai, gente, eu não sabia da existência dessa linha de auxílio não.

MV: Eles seriam então uma... uma... uma polícia, uma força policial paralela, não é?

JD: //É, paralela.//

MV: Paralela e... que se...

MH: Ilegal.

MV: É, ilegal, mas que se encrusta na sociedade civil. Quer dizer, a própria // **AM:** E com apoio da revolução!// sociedade civil que estava se... é... virando ditadura. Não era só Castelo Branco.

JD: Não, não.

MV: É isso que... que eu acho que é da memória da... brasileira, isso... isso ficou... porque não basta dizer que foi um golpe assim, não é? Ou é golpe, ou é revolução. // **JD:** [Não?].// Não é bem assim... é... é... // **JD:** [tosse]// um golpe que foi muito/

JD: [tosse]

MV: ...é, é um golpe que foi muito bem aceito e... e... não só aceito mas fortalecido pela... pela... pela sociedade civil, pela...porque //**AM:** Mas...// Belo Horizonte tem uma... ah... Você falou dos bispos, não é?, acho que [você] poderia falar mais, porque isso foi muito importante para nós nessa época, não é? Belo Horizonte tem uma certa tradição assim muito... muito... dizer que é a direita não diz muita coisa, mas muito autoritária, sempre do lado do mais //**JD:** [tosse]// forte, não é?

JD: [tosse]

[silêncio]

AM: Agora, tem que ver também que a sociedade normalmente não assume o que ela é, não é? Você vê, os alemães não assumem.

MV: Mas não, agora estou falando //**AM:** Que a sociedade também foi nazista.// de... dos historiadores, dos historiadores que... que não... passam por cima, fica com categorias, não é golpe, é revolução; é revolução, não é golpe. Não é bem isso. É que... para durar vinte anos, não foi só pelo mérito dos militares, é... é... //**AM:** teve apoio da sociedade?// [] então essa... essa polícia secreta - que não é secreta, não é? -, civil, isso realmente é sinal que então havia ditadura na sociedade.

JD: É, realmente.

AM: //Mas []//

MV: //E não...// E não era filhos de operários, provavelmente. Ou podia ser?

JD: E, talvez pudesse //até ser.//

AM: //Mas eu... eu...//

JD: Eu não sei não. Os que eu conheci, não eram.

MV: Era mais da... //**JD:** É.// da... da...

JD: //...classe média.//

AM: //...classe média.//

MV: //É.//

AM: //Mas é// o que eu te disse: hoje, é, a sociedade alemã, ela não se assume como... que ela foi nazista, que a sociedade foi nazista.

MV: É, mas você tem um... na Alemanha tem um grande sentimento, não sei se é de culpa, não é?, ou se... mas que é... é uma mancha que tem na... que marca. Aqui não, se passou a borracha em cima e pura e simplesmente/

AM: //É, nós não// fizemos nada, não é?

MV: Han, han, [] **AM:** É verdade]// não?, isso foi, inclusive, o Governo Costa e Silva era tudo piada, é... era para brincar, não era sério, enquanto que tinha os outros que estavam na prisão, não é? Isso continua depois, depois vem o Médici, então, com a Copa.
JD: É.// Onde você estava na Copa do Mundo de 70? Você lembra da euforia geral que deu, que...? Você estava aonde nessa época?

JD: Eu estava aqui em Belo Horizonte.

MV: Han, han. Mas já **AM:** Quer dizer...// trabalhando, não é?

JD: Mas já trabalhando.

AM: Quer dizer que essa “efervescência” de 68, você ficou aquém, não é?

JD: É, fiquei. Eu tinha um trabalho de periferia em associação comunitária, de bairros assim. Mas era um trabalho sem... sem aparecer, não é?, **AM:** Hum, hum.// só de/

MV: Você morava em Venda Nova, **JD:** Em 70...// era muito periferia, não é?

JD: Em 70 eu já morava em Venda Nova.

MV: Era muito periferia, //não é?//

AM: //Você...// Você vinha de Nova Lima para Venda Nova, Venda Nova... porque, se hoje a distância é grande, imagina!

MV: Era, na época, era muito grande.

JD: Não. Eu, em novembro de 69, mudei para aqui.

AM: Hum, hum.

JD: Deixei a família lá. Então ia todo domingo ia para lá.

AM: Ah, tá.

JD: Mas passava a semana trabalhando aqui. E quando foi em 70, em março de 70, é que a família veio para cá, não é?

MV: Deixa ainda te fazer uma pergunta. Você trabalhou então no edifício Veritas. O nome foi bem significativo, não é? Era todos ex-militantes de... de esquerda //**JD:** É, de esquerda.// ou até... até hoje o são, não é? E você foi o vigia, você foi o... o... o operário da... da... Você sentia essa diferença entre... de classe, não é? Ou o fato de ser é... ajudado, de ser amigos, isso diminuía um pouco essa... essa diferença, não é?

JD: É, diminuía sim. Mas era... ela existia do ponto de vista de todos os trabalhadores que trabalhavam lá.

MV: E você se integrava mais com os trabalhadores?

JD: É. Era mais com eles. Porque, inclusive, tinha o apoio do...

MV: Han, han.

JD: ...tinha o apoio do... do engenheiro, não é?

FIM DO LADO B DA FITA 8

A

Acusação de que estava preparando o envenenamento da
caixa d'água de Belo Horizonte, 10
Anistia aos servidores públicos, 24

B

Bambirra, *Sinval*, 4; 5; 6; 14; 15

C

Cassação do mandato de Deputado, 4
Castelo Branco, 19; 31
Comunista, 2; 4; 10; 11; 16
Condenação no processo militar, 13; 16; 17; 18; 19; 23;
24; 26
Costa e Silva, 27; 33

D

Dispensado por justa causa da Mina de Morro Velho, 24
DOPS, 3; 8; 9; 14

E

Edgar de Mata Machado, 8

F

Família, 2; 12; 13; 19; 20; 23; 33; 34
Faria, *Antônio* 1; 14; 23; 24

H

Hugo Werneck, 30

M

Magalhães Pinto, 7
Médici, 12; 27; 33
mina do Morro Velho, 20; 23
movimento familiar cristão, 13; 20; 29; 30

O

Oleastro Santos Júnior, 22
amigo, 22

P

Padre Laje, 15; 29
Pastoral da Periferia, 25
Preso por dois meses, 26
Prisão, 1; 3; 4; 11; 16; 19; 20; 21; 25; 26; 28; 30; 33
Proposta do Governo do Chile, 15

R

Riani, *Clodesmidt* 4; 6; 14; 15

S

Solidariedade, 2

T

Tortura, 2; 9; 30

U

Igreja subterrânea, 29